



A GINÁSTICA NACIONAL BRASILEIRA: BRANQUEAMENTO E MISTIÇAGEM NAS CANTIGAS DE CAPOEIRA

Marcelo Cucco¹

Resumo: A capoeira tem-se apresentado na contemporaneidade como uma forma de manifestação cultural associada à cultura negra brasileira. Entretanto, seu processo de transformação em luta brasileira traz à tona o processo de branqueamento que norteou as políticas públicas republicanas das primeiras décadas do século XX. Portanto, o presente artigo tem como objetivo analisar de que forma ocorreu o processo de branqueamento da capoeira, bem como sua transformação em ginástica nacional brasileira. Pretende-se analisar que tais processos encontram-se relatados em algumas cantigas cantadas por antigos mestres, ainda hoje utilizadas em rodas de capoeira.

Palavras-chave: Branqueamento. Ginástica Nacional. Capoeira. Cantigas de Capoeira.

BRAZILIAN NATIONAL GYMNASTICS: BLEACHING AND MISCEGENATION ON THE CAPOEIRA'S SONGS

Abstract: Capoeira has been presented nowadays as a cultural manifestation associated with Brazilian black culture. Although, the transformation process of the capoeira in a Brazilian martial art, brings to light the bleaching process that guided the Republican public policies in the first decades of the twentieth century. Therefore, the present article aims to analyze how occurred the bleaching process of capoeira, as well as its transformation in a Brazilian national gymnastics. We intend to examine that such cases are reported in some songs sung by old masters, still used today in capoeira circles.

Keywords: Bleaching. National Gymnastics. Capoeira. Capoeiras's songs.

LE GYMNASTIQUE NATIONALE BRÉSILIEN: BLANCHIMENT ET MÉTISSAGE EN LES CHANSONS DE CAPOEIRA

Résumé: Capoeira s'a présenté à l'époque contemporaine comme une forme de manifestation culturel associé à la culture noire brésilienne. Cependant, sa transformation en un combat brésilienne apporte le processus de blanchiment qui a guidé les politiques publiques républicaines de premières décennies du XXe siècle. Partant, cet article vise à analyser comment est survenu le processus de blanchiment de la capoeira, bien comment sa changement en gymnastique nationales brésilienne. Nous avons

¹ Especialista em estudos afro-brasileiros pela Fundação Educacional de Macaé (Funemac), mestrando em Relações Étnico-raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ). Professor de Arte do Instituto Federal Fluminense. Instrutor de capoeira do "Grupo Irmão – Capoeira Fraternidade".

l'intention d'examiner que tels cas se rencontrent signalés dans certaines chansons chantées pour les anciens maîtres, encore aujourd'hui utilisées dans la capoeira.

Mots-clés: Blanchiment. Gymnastique nationale. Capoeira. Chansons de Capoeira.

LA GMINASIA NACIONAL BRASILEÑA: BLANQUEAMIENTO Y MESTIZAJE EN LAS CANTIGAS DE CAPOEIRA

Resumen: La capoeira se ha presentado en la contemporaneidad como una manifestación cultural asociada a la cultura negra brasileña. Entretanto, su proceso de transformación en lucha brasileña alumbró el proceso de blanqueamiento que ha conducido las políticas públicas republicanas de las primeras décadas del siglo XX. Así, el presente artículo lleva como objetivo analizar de qué manera ocurrió el proceso de blanqueamiento de la capoeira, bien como su transformación en gimnasia nacional brasileña. Se pretende analizar que tales procesos se encuentran en relatos. Cantigas, cantadas por antiguos Mestres, aún hoy utilizadas en las ruedas de capoeira.

Palabras-clave: Blanqueamiento. Gminasia nacional. Capoeira. Cantigas de capoeira.

INTRODUÇÃO

As cantigas utilizadas em rodas de capoeira compõem um importante elemento estruturante da simbologia que atravessa o momento do jogo. Ao escutar a música, o capoeira sabe se é hora de lutar, jogar “manhoso” ou “mandingar”². Devido a sua importância no universo mítico da capoeira, as letras dessas cantigas foram preservadas na oralidade e passadas de geração em geração, não sendo raro encontrar, ainda hoje, fragmentos de músicas cantadas desde o início do período republicano. Desse modo, é possível analisar a trajetória das relações raciais no Brasil a partir de preciosas informações nelas contidas.

No decorrer dos séculos XIX e XX ocorreu a gradual entrada de brancos e mulatos livres na prática da capoeiragem, fazendo com que deixasse de ser uma atividade exclusivamente dos escravos. Tal processo trouxe como resultado o branqueamento de seus praticantes, que começaram a reivindicar a sua transformação em ginástica nacional brasileira. O principal argumento utilizado nesse momento era que a capoeira havia-se tornado uma

² Mandingar na capoeira significa aplicar golpes no adversário procurando enganá-lo sobre o tipo e o momento em que os movimentos corporais serão desenvolvidos. Quando um capoeira consegue realizar isto com destreza diz-se que ele utilizou magia, ou seja, mandinga.



atividade cultural mestiça, distanciando-a do referencial simbólico negro ao passo que a aproximava de outras práticas desportivas comumente praticadas.

Ainda hoje é possível observar a presença do processo de branqueamento da capoeira, bem como sua transformação em desporto, nas letras de músicas cantadas por antigos mestres. Muitas delas são até hoje cantadas nas rodas Brasil afora, e por isso, merecem uma análise bem cuidadosa. Observa-se que, muito diferente da possível harmonia racial que outrora foi defendida pelos brancos que passaram a fazer parte do universo da capoeira, esta mudança é marcada pela percepção da própria condição de ser negro frente ao processo de transformação e assimilação de uma atividade eminentemente negra.

DO BRANQUEAMENTO À HIGIENIZAÇÃO DA CAPOEIRA

Primeiramente é necessário reconhecer quem desenvolveu a capoeira no decorrer da história. Saber suas etnias, raça, classe social. Entretanto, construir essa história a partir da diversidade étnica e social dos seus praticantes não é tarefa fácil. Alguns pesquisadores têm-se dedicado a montar esse quebra-cabeça, dentre os quais é possível destacar SOARES (1994) e HOLLOWAY (1989). Suas pesquisas procuram o fio condutor a partir de vastas pesquisas realizadas nos arquivos e crônicas policiais do século XIX, levantando quem eram e de onde vinham os capoeiras dos tempos mais remotos.

Apesar de atualmente ser amplamente distribuída por todo território nacional, as cidades de Salvador, Recife e Rio de Janeiro são as que possuem os mais antigos registros dessa prática. A maior parte dos estudos, entretanto, estão especialmente concentrados no Rio de Janeiro em razão da vasta documentação encontrada nos arquivos públicos sobre e crônicas e registros policiais produzidos no decorrer do século XIX.

Esses registros estão, especialmente, associados às ocorrências policiais, isso porque, durante muito tempo foi considerada uma atividade criminosa. Assim, a existência de farta documentação, segundo Leticia Reis (2000), ocorre *devido à profusão de decretos e portarias que visaram coibir sua prática ao longo daquele século – 1821, 1822, 1824, 1831, 1834, 1836, 1845, 1849, 1872 e 1890, dentre outros*. Desse modo, a autora observa que apesar de a



capoeiragem ter sido uma prática criminosa, sua proibição operou no sentido de produzir fontes documentais que permitem hoje compreender seus meandros históricos.

A partir da análise da referida documentação, esses estudos apontam que houve uma mudança significativa no perfil étnico-racial dos praticantes da capoeira. SOARES (1996), observa que no início do século XIX todos os registros policiais pesquisados indicavam somente a presença de negros na capoeiragem, em sua grande maioria escravos africanos e brasileiros, tendo como elemento menos significativo negros libertos. O que leva este pesquisador a concluir que a capoeira se constitui como uma atividade eminentemente dos escravos. Já no decorrer deste século é possível encontrar registros policiais indicando a presença de mulatos e brancos, dentre os quais, Soares constata a significativa existência de portugueses recém chegados ao Brasil. No início do século XX já é possível encontrar uma quantidade significativa de brancos praticando capoeira, sendo alguns provenientes da elite brasileira, como no caso de Juca Reis, observado por Letícia Reis (2000):

Dentre os brancos praticantes de capoeira alguns eram provenientes das camadas mais abastadas da população carioca, os “cordões elegantes”, como eram conhecidos. O caso mais ilustrativo dessa ligação da elite da época com a capoeira é o caso de José Elísio Reis, conhecido como Juca Reis, filho do conde de Matosinhos – figura notória da colônia portuguesa de então – cuja prisão constituiu um dos episódios mais famosos da repressão à capoeiragem, pois quase gerou uma crise ministerial na recém-proclamada república (p.19).

A partir da entrada da elite na capoeira ocorre também a apropriação e transformação dos seus elementos simbólicos. Isso fez com que começasse a surgir relatos de alguns estudiosos da cultura popular da época, bem como de membros da elite, que apontavam a capoeira como símbolo de brasilidade e esporte genuinamente nacional. Desse modo, a capoeira oscilava entre a criminalização, tendo como consequência a repressão policial e a sua transformação em esporte de expressão nacional por parte da elite da época.

Em meio a estes embates começam a surgir a partir dos anos 1920 ações que visam higienizar a capoeira a partir de minimizar ou destituir a sua herança africana. Desse modo, transformá-la em esporte operou em consonância com o discurso eugênico da época que enfatizava a ginástica como fator de regeneração e purificação da raça (REIS, 2000). Assim, a relação do crescente número de brancos na prática da capoeira juntamente com a sua transformação em ginástica nacional, desqualificaram o negro como detentor desse conhecimento, passando a ficar sua presença diluída numa brasilidade mestiça.



A visão da capoeira como um esporte passa a ser hegemônica, constituindo um dos principais argumentos da sua apropriação pelos brancos. Assim:

(...) esta visão da capoeira que a representa como esporte, procura afastar dela, ou pelo menos minimizar, sua herança étnica africana, a fim de que lhe fosse possível, através do seu embranquecimento, civilizar-se, tornando-se então um dos símbolos de distinção nacional frente a outros países (REIS, 2000, p. 62).

Conforme assinala a autora, a transformação da capoeira em esporte não só pretende destituí-la da sua herança má, mas também abre possibilidade aos brancos de se inserirem dentro do seu contexto, passando a legitimá-los como mestres³, portanto, detentores de determinados conhecimentos.

Posteriormente, a partir dos anos 1930, diversos setores da sociedade, especialmente os intelectuais já se mostravam simpáticos com a prática da capoeira. Sobre a prerrogativa de se tratar de um esporte nacional de grande apelo popular, em 1937, Manoel dos Reis Machado (1900-1974), conhecido como Mestre Bimba, consegue uma licença especial para ensinar capoeira em seu Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, registrada como curso de Educação Física. A partir desse momento a capoeira sai das ruas e ganha os espaços institucionalizados das academias e seus praticantes passam a utilizar uniformes em que se podia distinguir a qual grupo pertencia.

A DESAFRICANIZAÇÃO DA CAPOEIRA NO CONTEXTO DO NACIONALISMO

Os anos 1930 representam o momento em que a cultura mestiça passa a ser o símbolo de nacionalidade, argumenta SCHWARCZ (2012, p. 192). A construção dessa nacionalidade pressupõe a escolha de alguns elementos culturais e históricos como seus representantes. Assim, a organização do pensamento moderno brasileiro consolida-se a partir da apropriação do ideal de mestiçagem como símbolo para esta nova nação industrializada.

Alinhado com essa discussão, Gilberto Freyre, no clássico *Casa Grande & Senzala*, apresenta a cultura brasileira como objeto de análise, deixando em segundo plano os conceitos

³ Segundo Câmara Cascudo, na tradição popular alguém só é considerado se possuir conhecimentos especializados do fazer manual, e por isso, passa a ser respeitado e detentor da tradição desse fazer. (CASCUDO, p. 575)



de inferioridade e superioridade racial que estruturavam as desigualdades sociais, deixando claro que a harmonia e a convivência cultural ganhariam relevo na cena intelectual brasileira.

Desenvolvido a partir de uma política pública nacional e implementado por diversos intelectuais, o conceito de mestiçagem foi pensado a partir do “resgate” (o que por vezes significava re/inventar) de *costumes e festas, assim como um certo tipo de história*. Portanto, no *Estado Novo projetos oficiais são implementados no sentido de reconhecer na mestiçagem a verdadeira nacionalidade* (SCHWARCZ, 2012, p.193). Portanto, a supressão da pluralidade surge como elemento significativo no alinhamento (desigual) de valores culturais “pulverizados” socialmente tendo como pano de fundo uma ordem política dominante.

Dentro desse contexto, chama atenção o que SCHWARCZ (2012, p. 196) denomina de desafricanização da cultura. No cenário de reconstrução da política cultural brasileira, alguns elementos culturais são eleitos como representantes da nacionalidade, passando, entretanto, por um processo simbólico de clareamento. É o caso da feijoada, do samba e, como foi dito anteriormente, da capoeira.

AS CANÇÕES DE CAPOEIRA COMO OBJETO DE ANÁLISE

As canções cantadas em rodas de capoeira fazem parte de um universo simbólico em que a dinâmica da oralidade se faz presente (RAMOS, 2007). Atualmente, por influência da dinâmica do mercado fonográfico, é muito comum alguns mestres gravarem e registrarem músicas de sua autoria. Entretanto, ainda é possível ouvir em muitas rodas de capoeira canções completas ou fragmentadas que estão em domínio público e que aparentemente foram influenciadas pelas transformações pelas quais passou a capoeira até a sua transformação em ginástica nacional e símbolo de nacionalidade.

Tomando algumas canções hoje amplamente cantadas em rodas de capoeira como objeto de análise, é possível relacionar seus conteúdos com os argumentos ora apresentados nesse estudo. Seguem abaixo alguns exemplos:

Chuva, chuva miudinha
Vem caindo na aba do meu chapéu
Nossa senhora me livre
Que o nego não vai no céu
Todo branco quer ser rico



Todo mulato é rampimpão
Todo negro feiticeiro
Parece um cigano ladrão.

Na letra dessa canção⁴ gravada por Mestre Pastinha⁵ por volta dos anos 1950 é possível observar de que maneira o imaginário pré-República ainda está latente. Pastinha apresenta a impossibilidade do negro ascender socialmente quando declara “*que o negro não vai no céu*” e ao mesmo tempo pede que nossa senhora o livre desse mal que faz com que seu destino já esteja traçado. O céu ao qual se refere não é um lugar mítico, imaginário, mas um céu verdadeiro, que constituído dentro das estruturas de poder da sociedade, em que um negro dificilmente teria acesso. Esta impossibilidade de ascensão pode estar relacionada com o ideal de branqueamento defendida pelos eugenistas, o que leva a crer que o pedido feito a Nossa Senhora, seja talvez, para livrá-lo da cor negra, numa possível relação com o imaginário presente na pintura *A redenção de Cam* (1895), de Modesto Brocos (Fig. I), em que a mulher negra assume o gesto de agradecimento por ter livrado seus descendentes do “mal” da cor.



(Fig. I) Modesto Brocos (1852-1936). *A redenção de Cam* (1895) – Acervo do Museu Nacional de Belas Artes – Rio de Janeiro- RJ.

⁴ Apesar de ter sido gravada por Ivésue Pastinha, não é possível afirmar que tenha sido o autor da mesma, visto que não há registros de autoria dessa canção. Podem-se ouvir atualmente outras versões dessa letra em rodas de capoeira, mantendo, entretanto, a mesma melodia. A versão apresentada nesse estudo faz parte do acervo sonoro do Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

⁵ Vicente Joaquim Ferreira Pastinha (1889-1981), mas conhecido como Mestre Pastinha, foi um dos grandes representantes da capoeira de Angola em Salvador – BA.



Nesta canção é possível ainda observar os papéis bem definidos de cada grupo racial brasileiro. Entretanto, o cigano surge como um elemento étnico novo dificilmente citado em rodas de capoeira, mas é pejorativamente tido como um ladrão. O negro feiticeiro é comparado a esse “cigano ladrão”, que também utiliza as práticas de feitiçaria, mas por outro lado está ali representando como o símbolo do próprio mal por ser um ladrão e o próprio símbolo da desordem, distanciando-se do desejo progressista da sociedade moderna dos anos 1930.

Desse modo, parece haver uma associação do atraso e degenerescência que significa a prática de feitiçaria, com o mal de roubar praticado pelo cigano, também considerado um grupo de segunda ordem. Isto significa associar as práticas de magia presentes nas religiões de matriz africana à degenerada prática de roubar, considerando, portanto, a religiosidade negra um fator negativo.

Tomando-se outra canção como exemplo:

Ô Inga da Ingazeira
Ingazeira ô Ingá (coro)
Eu vou jogando a capoeira
Ingazeira ô Ingá
Essa luta é brasileira
Ingazeira ô Ingá
Do folclore popular
(...)

Nesta canção, também gravada por mestre Pastinha, é possível observar como o símbolo de nacionalidade está incorporado à capoeira, que é apresentada como uma luta brasileira proveniente do folclore popular, sem, entretanto, fazer nenhuma referência a qual grupo étnico-racial faz parte. Pastinha associa a capoeira ao folclore trazendo-a para o terreno generalizante da cultura popular, em que as raças se diluem no ideário da mestiçagem. Assumindo, deste modo, a capoeira como uma prática mestiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As canções aqui apresentadas são apenas uma pequena amostra do que está presente hoje nas rodas de capoeira. Em diversas canções, entretanto, pode-se observar as transformações ocorridas na visão que o negro tem da sua própria condição social. Se houve



um momento de desafricanização da capoeira, como afirma SCHWARCZ (2012, p. 192), houve também a sua reafricanização, fruto da luta histórica da militância negra pelo reconhecimento social da relevância simbólica da cultura negra. Por isso, não é raro encontrar outras canções que reivindicam o conceito de raça negra à noção mais política do termo, em que a cultura deste grupo é tratada de forma positiva.

Entretanto, o processo de branqueamento pelo qual passou, não só a capoeira, mas também diversos símbolos culturais negros, mostrou-se perverso e duradouro. As canções apresentadas nesse estudo trazem como pano de fundo o triste processo de assimilação cultural pelo qual passou os africanos e seus descendentes, procurando afastá-los de seus próprios valores culturais em prol de uma possível interação do negro na sociedade racista dominada por brancos, como afirma ROFBAUER (2006, p. 358).

Portanto, ao passo que muitos brancos iniciavam a prática da capoeira com a visão de que se tratava de um desporto de origem mestiça, muitos negros acabavam por abandoná-la com a ideia de que seu desenvolvimento cultural pressupunha afastá-lo de determinadas práticas culturais consideradas inferiores, normalmente associadas à cultura africana. Todavia, esse processo de integração do negro pressupunha também seu branqueamento cultural. Isso porque, havia a expectativa de que, ao reproduzir os sistemas culturais dominantes, ocorreria um nivelamento nas relações desiguais de poder entre os diversos grupos étnico-raciais.

Por outro lado, tal visão trazia para o negro a responsabilidade pela própria condição de inferioridade ao qual estava sujeito, além de reafirmar a subalternidade da sua cultura. Portanto, abandonar a cultura negra e assumir a estética branca era uma questão de escolher entre uma cultura atrasada e outra evoluída, e caberia ao negro fazer tal escolha, ao passo que aos brancos, mesmo os que praticavam capoeira, a raça não se impunha como um impedimento para que circulassem dentro de qualquer sistema cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore brasileiro*. 10ª Edição. São Paulo: Ediouro, S/D.

HALLOWAY, Thomas. O saudável terror: repressão policial aos capoeiras e resistência dos escravos no Rio de Janeiro do século XIX. In: *Cadernos afro-asiáticos*, nº 16. Rio de Janeiro: Cândido Mendes, 1989.

RAMOS, Arthur. *O folclore negro do Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

REIS, Letícia. *O mundo de pernas pro ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publicher Brasil, 2000.

HOFBAUER, Adreas. *Uma história do branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Unesp, 2006.

SCHWARCZ, Lília. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ (orgs), Lília. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOARES, Carlos. *A negragada instituição. Os capoeiras no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1994.

_____, Carlos. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)*. 2ª ed. São Paulo: Unicamp, 2008.

SOARES, Carmen. *O pensamento médico higienista e a Educação Física no Brasil: 1859-1930*. Dissertação de mestrado, PUC, São Paulo. Disponível em: <http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=2&id=718&listaDetalhes%5B%5D=718&processar=Processar>. Acesso em 05 de dez. 2013.

*Recebido em novembro de 2013
Aprovado em janeiro de 2014*